

A PATRIA

ORÇÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St. Anna

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 >
Brazil, semestre	700 >
Avulso	20 >

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

As môscas

Ha dias discutindo com um monarchico e conservador as vantagens da Republica sobre o regimen que nos rege e a sua necessaria e possivel implantação, dizia-nos esse monarchico como supreno e concludente argumento: Eu não digo que a Republica seja peor que a Monarchia sobretudo em Portugal, mas receio se dê o caso das môscas de Job.

Não sabemos se foi com essa figura lendaria da paciencia que se deu o caso das môscas que afinal é bem conhecido: quando um leprso, todo chagado, tinha as sus chagas cobertas de môscas, alguém, compadecido, n'um gesto de caridade, enxotou-lh'a.

Duramente invectivado, o que não era aliás de suppôr em Job se com elle se passou a historia, e mostrando-se com isso surpreo, responde-lhe o leproso: é de estas môscas já estavam ceias e fartas e as esfaimadas que as substituirem, mais me incommodam, como estas fizeram quando estavam tambem esfaimadas.

D'ahi creceio d'esse monarchico, amante do seu paiz e que n'ellequeria vêr um regimen de moralidade e bom senso que leamente affirmava não existir na monarchia, da mudança de instituições.

Afinal, como todos os bons portuguezs, no fundo, um republicanico mas como muitos monarchicos—um tímido.

Nada—a não ser o receio de ser mais explorado e roubado, confessoro, o impedia de ser republicanico.

E' poível que como este muitos otros haja.

Vejam por isso se é fundamental tal reio.

Desculpavel, é, incontestavelmente tão desculpavel como condemnatorio do regimen em cuja defeza foi apresentado como maior e talvez unico argumento.

E' deulpavel porque é natural q' quem muitas e muitas vezes, n'um aneio de felicidade, e deixa illudir por o canto d' sereia dos ambiciosos e se vê utras tantas vezes desilludido roubado, de tudo e todos desconfie.

Condemnação do regimen porquelaramente define o desalento esse seu sectario que ainda ais claramente confessa

que tem sido infamermente explorado e ludibriado.

Em resumo: elle não quereria ser roubado, mas já se contenta com não ser mais do que actualmente é.

E quantos assim pensam dentro dos arraiaes monarchicos! Quantos dizem a cada nova delapidação, a cada augmento de contribuições: «e não se fariam, os malandros!»

Claro está que se a mudança de regimen pôde encontrar n'esta innegavel situação um argumento solido para se fazer immediatamente, é todavia certo que a Republica não pôde ser apreciada sob este criterio tacaño, nem uma honesta administração monarchica tiraria uma só das vantagens das instituições republicanicas.

Mas porque uma boa e justa causa não pôde receber os ataques em qualquer campo e deve—quando se certifique de boa fé do contendor—esclarecer e crear adeptos, respondamos aos receiosos e tímidos republicanicos (que outra coisa não são) que ainda se conservam com a encadernação monarchica.

Não discutiremos n'este artigo, senão a possibilidade de continuar no regimen republicanico, a immoralidade que n'este campeia.

No novo regimen, visto que não havia uma determinada casa ou familia a servir, cada um—a querer roubar—trataria de si. Admittamol-o já seria uma vantagem, visto que actualmente cada um trata de si... e de mais alguém.

Como se acredita que ás figuras em destaque do partido republicanico anime esse intuito?

Elles que apenas e exclusivamente pelo seu talento conseguiram o logar proeminente que teem no seu partido, se collocassem esse talento invulgar ao serviço da monarchia tão falha d'elles não conquistariam rendosos e pingues logares?

A monarchia—lizem os proprios monarchicos—é um regimen de suborno; portanto a apostasia é bem paga.

Isto prova sufficientemente que os dirigentes do partido republicanico que amanhã, a implantar-se a Republica, dirigiriam o paiz, não têm interesses vis a ligal-os ao seu partido e trabalham tão sómente pela redempção da nossa Patria!

Ha, infelizmente, no nosso paiz, muitas môscas esfaimadas, mas não nas hostes republicanicas.

Ha-as esperando logar nas chagas abertas no paiz, mas adentro dos arraiaes monarchicos, nos antigos rotativos e nos que só pretendem entrar na cadeia do rotativismo.

E' vêr que de môscas sacudiu—para substituir por outras suas—o renegado João Franco.

E' calcular que de môscas esfaimadas, devoradoras, traria o advento de Julio de Vilhena ao poder, precisando tanto de tombas e remendos o seu partido.

E' vêr quanto nos custaria a preponderancia dos dissidentes a formar partido, a compensar dedicações, a exercer vinganças, a esquecer liberdades, a provar serviços!

Quem vem ou está no partido republicanico, não espera nem quer partilha; iria então para a monarchia que era mais comoda.

Môscas, ha-as sim e ha ainda peor—moscardos. Distinguem-se porque aquellas estão nas chagas do paiz—vulgó cadeiras do poder—e estes querem enxotá-las para lhe occupar o logar apenas.

Os republicanicos querem enxotá-las, para curar as chagas. E n'isto diferem.

Carvalho de Souza.

A OBRIGA

Aquele... bééco

Aveiro, que é uma pacata e bonhomica cidadezita, domingo esteve, por todo o dia e á noite, sob a catadura ferrabrearesca da militança de cavalo e pé; e sob as manopolas policiaes, esse mimo de educação bestialissima.

Motivos...

Uma excursão de jentes pacificas armadas de guarda-soes, merendas, kodaks e bandeirolas, com o reforço, para a refrega cruenta, de acompanhamento de esposas, irmãs, petizes de mama e velhos inermes. Minaz e temerozo, bem veem, e atarrachando o snr. conde até se lhe gastar o cebo do duro intellecto com as combinações estrategicas e com o susto guerreiro. Assim, proibição de vivas, estação em estado de sitio, em estado de sitio largos e ruas do cães, reforços militares chamados á pressa; e musicas, orfeons, alegria, confraternização—tudo, tudo proibido! Assim, prisão de republicanicos distinctos do Porto, de Agueda, d'Aveiro, pelo crime nefando e negro de desembarcarem perto á cidade quando ao regressar da «merenda». Assim, coajirem os nossos barqueiros a fazer-nos sair aquém e bem aquém do embarcadouro, medida incrível, incomoda, e um cumulo

de prepotencia canhestra, vêsga, tórta como o odio do torto bééco.

Assim, ordem para sustar a saída do comboio excursionista á mais leve manifestação de protesto para haver prisões, pranchada, sangue; laço de judas que não vingou pelo bom senso do maquinista, rompendo a todo o vapor, como em correria panica. Assim, todo o serviço ferroviario entregue, para o que desse e viesse (!!!) ao rancoroso capricho, ao «mando eu» do bilhostre. Assim, precauções administrativas em todo o trajeto Porto-Aveiro, taes, como se o comboio da excursão levasse dentro o raio, a peste, a assolação; qualquer coisa que explicasse o feroz cordão sanitario em que o envolveram todo o caminho. Assim, todo um sistema irritante de provocações, de desfeitas, de molestações, que tiveram o bom resultado de revoltar todo o mundo e que produzirão, quando mais não seja, a exautoração do obnoscio tipo—um bééco de escorrecias feccas que está a encher de fêdôr a bela terra de Aveiro.

Pôde o Wenceslau, chefe do governo e produtor de tiborna, dar os emboras ao... homem que ele safuse a preceito e deu em cheio no vinte. Merece a confirmação do logar—não o deve fazer por menos de nomeação vitalicia—e quanto a titulos, upa, que aquele pouco de conde não calha, desde agora, na cabeçorra do sóba. Duque e não é ainda mercê, mas duque, ou o diabo que ele carregue, já passa, já é decente. Duque réco, que é mais eufonico e é de natureza, no bééco, governador vitalicio, comandante jeneral de exercitos d'entre Vouga e o Botareu, padre santo de Agueda, corpo de Santa Joana de Aveiro, e o sobriquet de «perigozo» que o é esse bééco-réco nas inclinações de sair á estrada, atacando jente pacifica.

Fez o trabalhinho á altura—deem-lhe a paga merecida...

Antonio Valente.

ECHOS DA SEMANA

A Liga

Ahi por volta de meados do ano ultimo acordou nos acraes monarchicos o clangor dos clarins tocando á união da familia. D'esse clangor nasceu um producto pôdre: a Liga monarchica, vulgo do carapau.

Constituiu a liga sede em Lisboa, e sucursal pataqueira no Porto, e sentada no cadeirame do seu salão de sessões logo deliberou conquistar o mundo a troco de elixires que servindo para endireitar da espinhe-la caída applicação tinham para toda a casta de almorreimas, para toda a maleita, e para toda a molestia de alfredo galis. De quando em quando reuniões com bolos e chá onde as graves e rotundas traves da coroa pontificavam a sabedoria de um Salomão e a virtude d'um Socrates: tudo banzado de como s. majestade e o bemaventurado rejime tinham luminares de tamanho pezo.

E indo assim as coizas n'um mar

de rozas, arma uma das suas o inimigo, esse maroto de cauda e de pés de cabra, que por malas artes teve o condão de se meter tu cá tu lá com os respeitaveis lguistas. Estraga a harmonia dos compadres, põe pela hora da morte a caranguejola que a el-rei servia de guardanapo nas humanas vizitas ao water closet, por uma coiza de nada em tão acostumado proceres:—uma reles ladroeira da eleição. Ao que a «nobre monarchia» chegou... A uns deita-gatos de defensores de lingua comprida, cabeça ôca, e bolsos sem fundo. E' da jente morrer vestido!

Situação financeira

A 6 de junho do corrente deixou o governo portuguez de satisfazer no Banque Union Parisienne quinhentas mil libras que n'esse dia se venciam. D'aqui para o futuro o caso hade repetir-se, e os compromissos a que se falte avolumar-se-hão e formarão bicha. O que ainda nos vae valendo, aguentando isto, é o estado jeralmente desafogado da economia nacional que apesar de tudo prospera, e é o estarm's á porta de uma colheita cerealifera das melhores que aqui teem havido.

O paiz, não ha duvida, apresenta no seu conjuncto um rizonho aspecto de trabalho, de abundancia, de bem estar relativo neste facto verão que decorre, mas o gachis é o buldog do deficit; a cama e meza da Divida.

Contra pessimas administrações, sobrecarregadas de onerosissimos encargos não ha canceira nem ha poupança que valham, e se alguma couza hoje em Portugal é provavel postamos um contra cem pela interferencia da Bancarrota. Ninguem a quer, todos se horrorizam ao pensar n'isso, mas não é menos verdade de que muitos que amanhã ela deixará a pedir a prepararam e promoveram com uma leviandade de creanças e com uma inconsciencia de burros. E' má a situação financeira e isso preocupa-nos pelo futuro—o nosse e da luza terra,—sem deixarmos do concordar que para certos que amanhã venham fazer berreiro o castigo é uma justa paga.

Republica Brasileira

Pela morte do Dr. Afonso Pena ascendeu á prezidencia da republica o cidadão Nilo Peçanha. Com a maior serenidade do mundo, sem a mais ligeira mudança d'aquela ordem natural e lucida que o Brazil tomou por lema no seu pendão, fez-se o acesso do novo prezidente e a nova organização ministerial, o todo, imediatamente renovado como no sacramental—Le roi est mort vive le roi. E ahi teem os snrs. a republica, tão pacifica, tão estavel, tão harmonica com o meio social ambiente que um prezidente morre e um prezidente nasce mais expeditamente e mais simplesmente do que entre nós se efetua o nosso «Rei morto, rei posto.» Pois não faltam na nossa historia o testemunho e o exemplo trajico das vidas e das fazendas que muitas vezes custou, em luctas tremendas a successão. Ao contrario, nas republicas é de todos os dias a lição de que tal acto é o mais sim-

ples e o mais pacato do mundo. Estas coizas sabem-se, mas não é de mais repetil-as.

Mandões e donos

Procedente d'Españha passou ha dias na Barca d'Alva um dos zeros mais jezuitas do reino, o reverendo bispo de Beja. Na passagem todos os viajantes teem d'abrir as suas malas, escancarando-as ao *Arop de zele* da alfandega, e isso foi o que se deu n'esse dia, com todos os passageiros do comboio de Salamanca, com todos, salvo com o felizardo do bispo. Sua reverencia como é um dos donos d'isto, passou por entre as filas do fisco com as suas malas religiosamente fechadas, intanjáveis. Não é isto «egualdade perante a lei»; é favoritismo e bem revoltante. O bispo não é mais qua qualquer viajante, por mais modesto que seja a posição social, e não sa devia desconhecel-o na alfandega de Barca d'Alva. Mas é verdade que nos não occorria estarmos nas condições d'um Paraguay *dernier cri*.

In illo tempore

Saíu ha dias a procissão d'um dos nossos numerosos e amáveis «Corações de Jezus» e tendo-nos surpreendido em plena rua o majestoso cortejo tivemos ocazião de conhecer o Senhor Coração e d'avaluar, por alto, que aquilo de bago vae bem por lá. Ia muito bem posto, rebocado a vernizes finos, resplandecente de pratas e ladeado por alas de clerigos muito graves, vestindo paramentos ricos, sob um palio onde havia oiro e lucilações de joalheria. Sim, senhor, coisa rica. Sómente, absolutamente diverso, aquelle Senhor Coração, d'um Cristo que ha dois mil anos se queixava de não têr em que poizar a cabeça.

Compará-mol-os mentalmente, e para nós concluímos que o Coração que morreu na cruz era realmente outra loiça.

A aguia e o urso

Os soberanos da Alemanha e Russia deram-se *rendez-vous* em Revel para paparocarem uns jantares e deitarem mais umas tombas no belo acordo europeu.

Pacifistas, ambos falaram entencidamente do amor que os une aos seus povos, amor no russo mais que provado com a chacina d'uma guerra horrivel com o Japão, e no jermano evidente com o aumento doido da frota, e com as impacencias de rufião. Guilherme II invocou as duas cazas reinantes como garantia da paz jeral, e o certo é

que podem dormir á solta os imprevidentes e os injenuos. Falar na paz é fazer a guerra, e visto que as duas córtes, egualmente afinam pelo pacifico, é inevitavel, para qualquer dia, a deflagração da tormenta. A não sêr que os povos se oponham deixando alfin de sêr seus, mas para ahi não inclinam que não é inda idade de ter juizo.

Moto-contiuuo

De quando em quando a policia de Lisboa lá se decide a consagrar umas horas á segurança publica da capital. Poucas vezes, que o seu fim não é apanhar ladrões mas espionar cidadãos republicanos, mas em suma lá se resolve, de lonje a lonje.

Para isso organiza rusgas e quanto aparece quanto vae na rede para ao governo civil, vadios e fadistas com pobres diabos honestos e inofensivos. Depois, passam uns dias, e não tendo em que os entreter, com a mesma rede com que os prendêra vaza-os de novo na rua. E' isto sempre. Prendem-se em rusgas, cem, duzentos vadios. Chegam ao governo civil tomam umas horas de sombra, um dia ou dois de repouzo, e, em seguida, voltam á vida. Que aproveita com isto a tranquillidade da vida publica e a segurança do cidadão é o que não se sabe, nem é possivel de descobri-se. Os nossos Vidocas, porem, como homens que falam com os mortos lá devem ter as razões d'esse abre-fecha imbecil.

Confissão de reu

O manifesto publicado pela liga monarchica, associação de que fazem parte monarchicos de todas as côres... e conveniencias, confessa, graciosamente, que o paiz está «n'um perigozo estado de indisciplina e de confusão».

E' bem achado e é bem exato, tanto mais que não é necessario esforço para que as conclusões transpareçam.

Eles o confessam, eles em maré de fraqueza põem a claro tudo o que foram, tudo o que são: discolos, desordeiros, ineptos. O que não impede que n'outro logar não se reclamem e se garantam como salvadores da barcaça publica... graças aos 80 por cento da *conta negra* e mercê da desmemoria jeral.

Sansão á bica

O «Diario Popular», órgão de parte do bloco, pede a gritos de furia e ancia «um governo de força que ponha tudo isto no são». Go-

verno de força, verdade, verdade, como se deve entender? Por ser de ministros saídos das lutas do Colizeu, por ser espedado em espadas, ou então, mais modestamente, por chamar ao ministerio do reino a flôr ao vento que é o estadista(?...) sur. Vilhena? O «Popular» não o disse completando e ilustrando o seu pedido fragoroso, mas é de supor que governo assim, para ostentar bravura e dar catanada não demorará muito mais que os pecogos. Caminhámos esconsa mas seguramente para isso, e já os *bravi* que hão-de empunhar o estadulho vão alvorecendo da sombra. O governo de força será uma prova pimpona, deciziva, e como força na monarchia se traduz por «perseguição» breve se inaugurará a epoca com aparato e grandeza. A liberdade e os seus defensores, os republicanos, inscreverão no seu ajiologio dos martires mais umas datas e mais uns nomes, a coroa beberá talvez umas poções de sangue plebeu que é tonificante, e já então ninguem terá duvidas de que vamos salvos e es-correitos sob o temporal de um governo que é força, ferro, aço, pão, e pedra.

Reprimendando

A famoza liga monarchica do caprau e da chinfrineira quer que o juiz de instrucção lhe apresente em aperitivo ragut a velha historia do rejeicio. Para isso, no seu manifesto, faz exigencias formaes, e não deve o sr. juiz da Bastilha fazer esperar tão leaes amigos. Agarre no Santo Antonio usualmente invocado para que apareça o perdido, e meta-o n'um calabouço até que o santo confesse. Ele com certeza deve saber, e á certa que não reziste a uma semana de pão e agua em qualquer prisão militar. O meio é expedito, serio, e não levantará protestos de ninguem, visto que ninguem terá que dizer. E passada a prova o candorozo taumaturgo voltará em procissão para o seu nichinho, mais nutrido de simpatias e acrecido de creditos.

Caturrando

Afirma um nosso colega que o sr. Domingos Centeno tem recebido milhares de felicitações «entre cartas e telegramas». Nós como labregos que somos diremos mal, mas consideramos taes felicitações uma burrice. O sr. Centeno é felicitado por se têr batido em duelo e é por ahi que nós lhes dizemos que muito animalzinho come pão-trigo.

O padre era a fina flôr do clero realista. Sensato, intelijente e honesto. Primeiro, quando o Cerveira lhe revelou a meia vóz a chegada do seu amigo D. Miguel, imaginou-o no seu estado normal de bebedeira. Depois reparando mais nas atitudes firmes e desempenho da lingua, julgou-o sandeu, amolecimento cerebral pela alcoolização;—por fim convenceuse de que o pobre homem era enganado e escarnecido por alguns disfrutadores. O padre tinha muita compaixão do fidalgo que a mulher e as filhas enlameavam torpemente. Ele avisára D. Andreza que, no dia em que o sr. dr. Adolfo entrasse nos Pombaes pela porta principal, ele saíria pela porta travessa; e a fidalga levava tão a mal o proceder do irmão que pensava em fazer testamento para que os filhos d'ele e de Honorata lhe não herdassem as quintas.

Sabia-se n'esse tempo que o doutor Adolfo da Silveira era juiz de direito nos Açores e tinha comsigo uma formosa amante com trez meninos.

A unica idea com que o Cerveira contribuiu para a redação da carta foi que escrevesse:—«se vossa majestade precisa de di-

ARA

Em pena tam cruel—tal sofrimento, em dôr tamanha—dôr que nunca aliva; chamar a morte sempre, e que inda viva, como se fôra vida este tormento!

E vêr no mal (que todo entendimento naturalmente foje) estranha e esquiva fazer tão de vagar a alma cativa, a quem não fará crêr que é tudo um vento?

Bem sei uns olhos que teem toda a culpa, e são os meus, que a toda a parte veem e aquilo que vêm sempre isso os desculpa.

O' minhas visões altas! meu só bem! quem vos a vós não vê, esse, vos culpa, e eu sou só quem vos vê, outrem ninguem.

Sá de Miranda.

Eleição da Comissão Municipal Republicana

Realiza-se domingo 4 de julho sendo considerados para o efeito como cidadãos republicanos os inscritos no centro partidario; e os eleitores não filiados no centro, desde que tenham votado nos actos eleitoraes as listas apresentadas pelo partido.

Sabedoria das nações...

ALGUNS ADAJIOS

Março marceção, de manhã inverno e de tarde verão.

A par da ria não compres vinha, nem olival, nem casaria.

A chuva de agosto apressa o mosto.

Da mulher, que fala latim e de mula que faz im, *libera nos, Domine*. Galinhas do S. João pelo natal poedeiras são.

Ovelha cornuda e vaca barriguda não a troques por nenhuma.

Mulher e sardinha a pequenina. Jumento para o pó, rocim para o lodo e macho para o todo.

Quem lida com mel sempre lambes os dedos.

Aurora ruiva ou vento ou chuva. Barra roixa em sol nascente, agua em trez dias não mente.

A quem Deus quer d'outrem não ha mister.

O clerigo e o frade áquele de quem precisam chamam compadre.

Deus me dê contenda com quem me entenda.

Fructos e amores os primeiros são os melhores.

O dinheiro é bom de gastar mas máo de ganhar.

Agua fria e pão quente nunca fizeram bom ventre.

Não bebas cousa que não vejas nem assines carta que não leias.

Se queres criar carne e sebo deita-te tarde e levanta-te cedo.

De longos sonos e fartas ceias estão as sepulturas cheias.

Amôr de libertina e vinho de frasco pela manhã bom, á tarde gasto.

Homem ruivo e mulher barbuda a trez leguas de distancia os sauda.

Em ceo que limpa de noite e em mulher não ha que fiar.

Por S. Martinho todo o môsto é já bom vinho.

Em abril aguas mil coadas por um candil.

Quem ara e cria, ouro fia.

Podá tardio e seneia temporão terás vinho e terás pio.

Quando chove em agosto chove mel e môsto.

Onde o sandeu se perdeu o sizu-do avizo colheu.

Lua nova tropejada, trinta dias é molhada.

Ao cabo de um ano aprende o moço as manhas do ano.

A quem sabe esprar o ensejo tudo vem a tempo e seu desejo.

De homem sem bara, de cão com baba e de boi de rabo alvo põe-te a salvo.

Em casa onde não ha pão todos ralham e ninguem temrazão.

Homem atrevido, dre de bom vinho e vazo de vidro pouco duram.

Emprenha de ar e arirárs vento.

Jornal de obreiro enra pela porta e sae pelo fumeiro.

Fala pouco e bem er-te-tão por alguem.

Quem me quer bem diz-me o que sabe e dá-me o que tei.

O melão e a mulhr pelo rabo se hão de conhecer.

Pão de hoje, carne e hontem e vinho do outro verã tornam o homem são.

Figo verdel e moça d hotel apal-pando-se amadurecem.

Leitão de um mez e pto de trez. Trez horas dorme o onto, trez e meia o que não é tan, quatro o estudante, cinco o etravagante, seis o porco e sete o mcto.

Tenhamos saude e ps e teremos assáz.

(4) FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

O Cerveira Lobo esfriou.—Tambem me parece, dizia, que se o meu velho amigo D. Miguel ahi estivesse, já me tinha mandado chamar.

Mas, depois que o Bezerra de Bourro asseverou que beijara a mão de el-rei, o pedreiro e o tenente coronel já não podiam duvidar. Combinou o fidalgo com o Zeferino que partisse ele para Lanhoso, e dissesse ao capitão mór que o levasse a Calvos, e o abade que participasse a el-rei que estava ali um proprio com uma carta de Vasco da Cerveira Lobo, tenente coronel de dragões.

Assim que el-rei ouviu o meu nome, entras logo, immediatamente, n'um pronto. Depois pôe-te de joelhos, e entrega-lhe a carta—percebestes? Tu vaes e trazes-me resposta.

Por estes oito dias, o mais tardar, tenho cá o fardamento. No caso que sua majestade me mande ir, vou; se não, trato de cha-

mar ás armas cinco ou seis mil homens com que posso contar. Zeferino para evitar questões atrazadoras, não disse nada ao padrinho nem ao pae, receando as expansões usuaes da carraspana.

O Cerveira dizia ao Padre Rocha, capelão de D. Andreza:—Ideas não me faltam; mas esqueci aquilo que se chama... sim aquilo com que se escreve, quero dizer...

—Ortografia?
—E' como diz padre Rocha, ortografia.

Era o exordio para lhe dar parte que o seu amigo e rei D. Miguel estava no concelho da Povoa de Lanhoso; que lhe queria escrever; mas que não se metia n'isso; e acrescentava:—ele, o rei, aqui ha treze anos sabia tanta ortografia como eu; mas agora dizem as gazetas que elle estudou coizas e loisas e tal. Pedia, portanto, ao padre Rocha que lhe escrevesse a carta para ele a copiar de seu vagar. E, pondo-lhe a mão no hombro:—E ouviu, padre. Vá pensando no que quer; uma boa abadia, S. Tiago d'Antas, hein? serve-lhe? ou antes quereria sêr conego? Emfim, pense lá... Nós cá estamos ás ordens.

nheiro, diga o que quer que eu até onde chegarem as minhas poses está tudo ás ordens d'el-rei meu senhôr.

O padre Rocha não se esquivou a colaborar na indrômina, dizia ele a D. Andreza, porque,—«eu pela resposta da carta, hei-de seguir o fio da esparrela que quem armar ao parvo do homem».

A carta ia pomposa, a ponto de Cerveira pedir comentarios, explicações. Que estava uma obra profunda—dizia o fidalgo instruido emfim nas obscurezas do estilo.

E, tirando seis pintos do bolso do colete:

—Ahi tem para o seu rapé, merece-os.

O capelão não aceitou; pediu que os applicasse por sua intenção ás necessidades do sr. D. Miguel.

—E' um realista ás direitas, padre, um grande realista! E, guardando os seis pintos, abraçou-o efusivamente e ofereceu-lhe um calis de 1817.

—Eu desejaria muito vêr a resposta de sua majestade—dizia o padre Rocha.

—Isso é logo que ela chegar, padre! pois então? Cá entre nós não ha segredos; e se o amigo

quizer, no caso que el-rei me mande ir, vai comigo e óde logo vir despachado. Pois então?

—Está dito! e o padr com um regozijo muito comico, o calice aromatico debaixo do nariz:—Quem sabe se eu ainda serei arcebispo, ó sr. tenente tronel!

—Ora! como dous e lous são quatro! Hade sêr arceispo, não tenha duvida. Isto vae udo mudar! E carregava-lhe orte no 1817. Arre! Estou aqui etido ha doze anos n'estes monte que me tem levado os diabos! enho 49 anos: mas este punho ada póde com a espada! Hade hrer pancadaria de crear bich! Olé! Eu dizia ás vezes ao meu amigo D. Miguel quando o Seçem, e o Mata e o D. Miguel Aaide davam cacetada nos malidos que aquilo não era bonito. Eis agora padre Rocha, heide dizelhe: «E' para baixo, real senhor!mocada de meter os tempos deno a es-ses malhados! E' acabar om eles por uma vez! uma forza m cada concelho, real senhor, mtas forcas! Ah! meu camaraz Teles Jordão! tu é que a sabiasoda!

O Cerveira começava gaguejar, a cambalear, e entçava o calice. O padre despediu.

CHRONICA AGRICOLA

XLII

POTASSA

Recordando as substancias que entre as 14 necessarias á alimentação das plantas mais nos devem preocupar—o azote, acido phosphorico, potassa e cal, vemos que falta ainda dizer alguma coisa sobre estas duas ultimas.

Fallarei, pois, da potassa. Se bem que seja de primacial importancia porque a sua acção se manifesta sobretudo pelo augmento de qualidades nutritivas das forragens, é certo que dos 4 elementos principaes é aquelle cuja restituição se faz mais facilmente. Um adubo de curral bem tratado e regado com as dejectões liquidas sem estar exposto ao sol e á chuva, basta na maior parte das culturas para restituir a potassa que a colheita tira ao terreno, tanto mais que em geral os nossos terrenos são sufficientemente providos de potassa.

Os mais pobres são os calcareos, os siliciosos e os arenosos.

Como já tenho dito para os outros elementos póde o terreno ser rico em potassa e precisar d'adubos potassicos por ella não ter o grau d'assimilabilidade necessario para ser immediata e completamente aproveitada.

Tambem a analyse chimica pouco nos auxilia por esse mesmo motivo porque indicando-nos a quantidade existente n'um terreno não nos indica a sua assimilabilidade.

E' conveniente pois, como para os outros adubos, formar em cada campo os talhões para experiencias.

Ha uns symptomas mais ou menos seguros da falta de potassa mas em que se não póde depositar muita confiança a não ser nas culturas cuja predominante é a potassa.

Assim na batata, no tabaco na beterraba etc. as folhas apresentam manchas (mas não confundir com as do mal dos batataes) e as bordas das folhas amarelecem e morrem emquanto o resto d'essas folhas conserva o aspecto ordinario. Na beterraba as folhas tornam-se pardas, depois brancas, e chegam a morrer.

Mas, repito, o meio mais seguro de conhecer se ha necessidade dos adubos potassicos é fazer ensaios das culturas que mais precisam de potassa.

Considera-se bem doseado em potassa um terreno que tenha 2 grammas por mil. Na maior parte dos casos a origem geologica dos terrenos influencia a quantidade n'elles armazenada sendo geralmente ricos os d'origem granitica ou vulcanica e muito pobres os calcareos, os siliciosos e os arenosos.

Todos os adubos organicos são mais ou menos ricos de potassa; as substancias mais empregadas além d'elles para a fornecerem são: o nitrato de potassa, o chloreto de potassa, o sulphato de potassa e a kainite. Menos empregados são o carbonato, o sulfureto e o sulfo-carbonato de potassa.

Dos mais usados—o nitrato de potassa já eu estudei n'uma chronica em que fallava dos adubos azotados (n.º XXXIII) visto que elle fornece ao mesmo tempo os dois elementos—azote e potassa.

Quanto aos outros dois o chloreto e o sulphato não ha entre elles diferenças taes que façam optar por um ou por outro na maioria dos casos.

O sulphato é um pouco mais assimilavel; mas empregam-se nas mesmas doses e nas mesmas epochas.

Não devem ser espalhados em cobertura por a sua causticidade e deve evitar-se o seu contacto com as sementes, incorporando-o no terreno por meio d'uma gradagem.

O chloreto é muito hygrometrico, isto é, absorve a humidade do ar e dissolve-se escorrendo para o pavimento se não for conservado n'um sitio bem secco. Forma uns torrões enormes e rijos que é necessario quebrar e desfazer bem antes de o espalhar ou misturar com outros adubos. O sulphato é menos hygrometrico e não se altera com o contacto do ar.

Os terrenos fixam bem os adubos potassicos sob a forma de carbonato de potassa graças á argilla e ao humus que contemham. Qualquer dos adubos que se use formará no terreno o carbonato, devido ao calcareo que elle sempre contém.

Assim o chloreto transformar-se-ha em carbonato de potassa e chloreto de calcio e o sulphato transforma-se-ha em carbonato de potassa e sulphato de cal que é o gesso o qual, por sua vez, é tambem adubo. Será a formação do gesso uma vantagem do sulphato sobre o chloreto; a outra é que com a formação do chloreto de calcio que é muito solúvel na agua e sendo arrastado por as chuvas, empobrece os terrenos de cal o que se não dá com o sulphato.

A kainite é menos assimilavel e mais propria para os terrenos leves, arenosos, porque é menos arrastada pelas chuvas.

Resta dizer que os adubos potassicos influem na formação do humus favorecendo a transformação das materias organicas do solo.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passam seus anniversarios natalicios:

Hoje a snr.^a D. Palmira Valente, sympathica irmã do snr. dr. Arthur Valente, d'Avanca.

E ámanhã o snr. dr. Antonio dos Santos Sobreira.

Cordeas felicitações.

Com suas esposas estiveram ha dias entre nós, de visita a suas familias, os nossos conterraneos snrs. Bernardo Barbosa de Quadros e Manoel Valente Frazão.

Regressou da Curia, ainda muito abatido da saúde, o snr. José Luiz da Silva Carneira, a quem desejamos a continuação de suas melhoras.

Partiu na semana preterita para S. Vicente de Cabo Verde, afim de tomar posse do logar de conservador do registo predial d'aquella comarca, o snr. José Ferreira Marcellino.

Boa viagem.

Esteve n'esta villa, de passagem para as Pedras Salgadas, o nosso patricio snr. José de Pinho Saramago.

Tem passado incommodado de saúde, estando feizmente melhor, o nosso estimado correligionario de Vallega, snr. Antonio da Cunha e Silva.

Confraternisação republicana. Por terras da ria

Como fôra annunciado realizou-se domingo a excursão republicana dos nossos correligionarios do Porto a Aveiro, e a merenda na pittoresca Gafanha. Foi uma bella festa realçada por uma encenação de paisagem maravilhosa e por um dia lindissimo, bella apesar das provocações, das ameaças e das violencias da auctoridade atribiliaria do ex.^{mo} snr. Conde de Agueda. Mas deixemos isso. Contemos. D'Ovar a commissão municipal e o centro partidario tendo deliberado associar-se á manifestação, saudando os vizitantes e cumprimentando-os, fizeram o pela ria n'um grande barco embandeirado, do qual se aproveitaram numerosos excursionistas. Era o programma da festa—almoço na ria—integralmente cumprido; ir ao encontro dos republicanos do Porto, Aveiro, Agueda, Ihavo, Oliveira de Azemeis, o que se fez esperando-os á sahida das pyramides em Aveiro, com enthusiasmo, com ardôr, e com uma excellente vocalização para vivas, palmas, saudações. Era ainda do programma o jantar—merenda na campesina Gafanha, de camaradagem com os republicanos de fóra, e isso, fóra escuzado dizel-o, foi ainda executado com brio, com alegria, com harmonia perfeita. A tardinha regresso a Aveiro, visita ao centro republicano da cidade, magnificamente instalado como tivemos ocasião de verificar, e, apoz, despedida ao comboio dos excursionistas, um trem enorme de carruagens apinhadas, ruidozas, dando um forte aspecto de poderio. Ahi, em nome da commissão municipal e do centro republicano d'Ovar foram apresentadas ao nosso illustre correligionario dr. Alfredo de Magalhães as saudações do povo republicano d'esta villa aos excursionistas e ao povo republicano do Porto, e eguaes cumprimentos se haviam feito, na «merenda» aos drs. Samuel Maia e Manuel Alegre, no á pressa de quem tem de lado umas quarenta boccas impacientes pela mastigação dos farinheiros. A's 10 e meia abaiada para terras d'Ovar, onde ás 11 horas e pico o roncoiro comboio nos punha. Todo o trajecto quer no barco, quer na merenda, quer em Aveiro ou no regresso, a mais completa e natural ordem mante-

ve o esplendido grupo de ovaenses, que ria fóra foi saudando a Republica, entoando a Marselheza, fraternizando n'uma perfeita identidade de convivencia.

Do Porto, a grande massa de cidadãos que honrou a terra de José Estevão foi bem recebida, estimada por todo o povo aveirense, nós, os que na abalada do enthusiasmo saudamos a capital do districto demandando o seu solo hospitaleiro, fomos por toda a parte diferentemente recebidos, sympathicamente recebidos. Um povo cordato, lhano, atravancava as ruas e praças, e lado a lado, comnosco, fundiam-se no mesmo grupo filhos d'Ovar, do Porto, de Agueda—toda uma multidão de cidadãos conscientes da sua força e imperturbaveis no seu direito.

A excursão deixou-nos a mais grata impressão do Povo, da sua sociabilidade alegre e leal e não ha duvida, reconhecemo-lo, de que as «merendas» para espectaculos de fraternidade e união são o mais proprio que existe. De todos os excursionistas nenhum malbaratou o seu tempo, a ninguém desagradou o passeio, a solidariedade partidaria. Bela jornada, ficará na lembrança como uma recordação de algumas horas felizes.

Festas e diversões

Realisa-se hoje no pittoresco logar de S. João a festa em honra do Santo Percursor, havendo, de manhã, missa cantada, sermão e procissão, e de tarde, grande arraial, em que se fazem ouvir até á noite as duas bandas de musica d'esta villa.

Hontem houve o costumado arraial nocturno com iluminação, fogo d'artificio e dias musicas tocando até á madrugada.

Tambem no Furadouro houve o agora mais desusado *banho santo*, a que costuma concorrer algum povo d'aldeia.

Revestiu pompa desusada a festividade do Sacramento, realçada domingo na igreja parochial, a expensas da respectiva irmandade.

Na procissão foi estreada uma linda bandeira, primorosa e artisticamente bordada pelas snrs.^{as} D. Alice e D. Eduarda Sobreira.

Decorreu animada a diversão nocturna effectuada em 18 do corrente na rua da Graça, onde tocou até á uma hora da noite a philharmonica Ovaense.

Em varios pontos da villa ha mastros de pinhas, constando-nos esperar-se para hoje á noite grande animação em muitas ruas, ao clarão das tradicionaes fogueiras.

Mau processo

No sabbado passado apresentaram-se em casa do infeliz e inoffensivo demente José Maria Luzes, o Lavrado, do Bajunco, dois individuos, commandados por um official da administração, no intuito de o prenderem e ser remettido, segundo dizem, a um manicómio.

Muito boa esta ideia; porém o meio de que se serviram os encarregados d'esta missão foi detestavel, porquanto á natural resistencia que encontraram por parte d'aquelle infeliz ao vestirem-lhe o collete de forças, usaram de excessiva violencia, maltratando-o corporalmente, apertando-lhe de tal fôrma a garganta que o iam asphixiando, além de o ameaçarem de revolver em punho, só admissivel para amedrontar.

Em vista d'este barbaro acto, o povo da circumvisinhança amotinou-se, não permitindo aos encarregados levar a sua missão, pela maneira deshumana como era executada.

Senhora do Rosario

Communica-nos a commissão encarregada da festividade da Senhora do Carmo, que o snr. dr. Antonio Birroso, bispo do Porto, acceitará de bom grado, o diploma de seu presidente honorario, que a mesma lhe havia offerecido.

A acceitação foi feita por officio, nos termos mais lisongeiros para aquella commissão.

Excursão

Realisa-se no proximo dia de S. Pedro, 29 do corrente, a excursão d'esta villa a Vianna do Castello, cujo producto reverte em favor da Associação dos Bombeiros Voluntarios.

Têm, pois, os nossos patricios uma excellente ocasião de, em alegre convivio com pessoas conhecidas e amigas, visitar a mais formosa das cidades do Minho, de vêr no seu trajecto trechos dos mais pittorescos de Portugal e de ficar fazendo uma ideia, ainda que pequena, dos costumes, vejetação e panoramas d'aquella fertilissima provincia.

Os preços dos bilhetes são relativamente baratos, custando os de 2.^a classe 1\$800 réis e os de 3.^a 1\$300, ida e volta.

As inscripções estão abertas até ao dia de hoje, 24, dia em que se tem de fechar definitivamente o contracto com a Companhia do caminho de ferro, devendo por isso as pessoas que tencionam tomar parte n'esta excursão inscreverem-se até ao fim da tarde, pois, não havendo então numero sufficiente, não poderá a mesma effectuar-se...

As listas para as inscripções acham-se desde já nas seguintes localidades:

Na Praça, nos estabelecimentos dos snrs. Joaquim Ferreira da Silva, Successores, Silva Carneira, João Alves Cerqueira, Francisco de Mattos, João da Silva Alminha e João José Tavares.

Rua do Outeiro, na pharmacia Manoel Joaquim Rodrigues.

Rua da Graça, na barbearia de Antonio Dias Martins.

Rua do Bajunco, no estabelecimento do snr. Manoel Ravasio.

Ponte Nova, nos estabelecimentos da Viuva Balreira e Abilio José da Silva.

Vallega, na pharmacia Fructuoso Lopes Rodrigues e casa do snr. Nicolau Braga.

Esmoriz, nos estabelecimentos dos snrs. Lino Pereira Leça e Antonio Pinto Ferreira de Souza.

Fallecimento

Com 42 annos d'idade falleceu em Lisboa o nosso patricio snr. Francisco d'Oliveira da Graça, proprietario de fragatas, primo do nosso querido correligionario Manoel Soares Guedes, irmão dos snrs. Antonio e Manoel d'Oliveira da Graça e cunhado dos snrs. Manoel Rodrigues Nunes e João de Pinho Saramago.

A familia enlutada condolencias.

Misericórdia d'Ovar

Subscrição de Vallega

Dr. José Delfim de Souza Lamy	20\$000
José Manoel d'Oliveira Lopes	20\$000
João Valente da Fonseca	5\$000
Manoel Albino da Cruz	5\$000
Padre Manoel Lourenço de Pinho	5\$000
Manoel José da Silva de Mattos	5\$000
José Luiz Veiga	4\$000
Manoel Pereira de Mendonça	4\$000
José de Pinho da Cruz	15\$000
Antonio Maria de Moraes Ferreira	2\$000
Antonio da Cunha e Silva	2\$000
Nicolau José Roiz Braga	1\$000

Antonio José Valente de Mattos	1\$000
Antonio Bento da Silva Valente	1\$000
José Borges de Pinho	1\$000
Antonio Maria Pereira da Silva	500
José Maria da Silva Henriques	500
Laura Augusta Ferreira Leal	500
Antonio Pereira (o Gabriel)	500
Manoel Pereira (da Rosadas)	500
Joaquim José Rodrigues	500
Manoel Augusto da Silva	500
José Adão da Silva	500
Leonor Rodrigues Valente	500
João Dias Pires	500
Antonio Valente dos Reis	500
Domingos Pereira de Souza	500
Antonio Pereira das Vinhas	500
Delfim Pereira das Vinhas	500
Antonio de Pinho	500
João de Pinho Carvalho	500
Manoel Pereira da Silva (o Vigoso)	500
Antonio Pereira da Cunha	500
Anna da Rocha (Regedoura)	500
Manoel de Pinho Victoriano	500
Semão d'Almeida	500
Antonio Maria Pereira	500
Manoel José de Rezende	500
Manoel Rodrigues Barge Senior	200
Manoel Joaquim Pereira e Pinho	300
Custodia d'Oliveira Valente (v. ^a)	300
Manoel do Rosario Costa (solteiro)	200
Manoel do Rosario Costa (casado)	200
Rodrigo Valente da Silva	200
José Marques (apeadeiro)	200
Manoel Valente dos Reis	200
Antonio da Fonseca (Tranqueira)	200
Serafim da Silva Borges	200
Manoel Caetano d'Almeida	300
José Maria Pereira de Pinho	200
Anonymo	200
Salvador d'Oliveira Reis	1\$000
José Maria Valente de Rezende	200
Augusto d'Almeida Pinto Leite	500
Manoel Alberto de Pinho Nogueira	300
Joaquim Maria Rodrigues	200
Custodio José de Pinho Carvalho	2\$000
José da Silva Casanova	500
Delfim Maria Duarte	500
Manoel d'Oliveira Lopes (Real)	1\$000
Manoel Pereira de Mendonça (o Capitão)	1\$000
Antonio Manoel de Pinho	500
João Rodrigues de Pinho	500
Francisco da Silva Pacheco	500
Antonio José Valente	200
Albina de Jesus (a Peralta)	200
João Rodrigues Alano	200
Antonio José Valente da Silva	500
Antonio Alves da Costa	1\$000
Joaquim Gomes da Fonseca	240
Antonio Alberto de Pinho Nogueira	200
José da Costa Neves	500

Somma Rs. * 117\$140

A COMMISSÃO

José Delfim de Souza Lamy
José Luiz Veiga
José Manoel d'Oliveira Lopes
P. ^a Manoel Lourenço de Pinho (Thesoureiro)
Manoel Albino da Cruz
João Valente da Fonseca

* D'esta totalidade ha a deduzir a quantia de 4\$000 réis subscripta por Manoel Pereira de Mendonça que prometeu e ainda não pagou.

INDICAÇÕES PARA TODOS

ALMOJIZA ANIMORHO

Comercio

(Noticias da ultima semana)

CAMBIO

No Porto: valor da libra, ouro, de 4\$980 a 5\$050 réis. Valor da libra, papel, de 4\$960 a 5\$000 réis.

No Brazil: cambio—15 1/4—/ Londres, valor da libra, 15\$737 réis.

Custando no Brazil uma libra 15\$737 réis, produz em Portugal, ao cambio de 48 1/4—4\$980 réis.

Cada 100\$000 réis brasileiros, a esta taxa, produzem 31\$650 réis, moeda portugueza.

Preços dos Generos

No nosso mercado

SETUBAL

Arroz: 1.ª qualidade, 15 kilos. 1\$400 réis

2.ª qual., 15 kilos. 1\$350

BAIRRADA

1.ª qual., 15 kilos. 1\$300

2.ª qual., 15 kilos. 1\$250

3.ª qual., 15 kilos. 1\$200

Batatas, 15 kilos. 400

Centeio 20 litros. 740

Fava, 20 litros. 750

Farinha de milho, 20 litros. 840

trigo, 1.ª qual. kilo. 103

2.ª qual. kilo. 93

cabecinha. 62

semea superfina. 40

grossa. 38

Feijão vermelho, 20 litros. 1\$280

branco, 20 litros. 1\$220

mistura, 20 litros. 960

Milho branco, 20 litros. 800

amarello, 20 litros. 700

Ovos, duzia. 140

Tremoço, 20 litros. 380

Azeite, 1.ª qual. litro. 300

2.ª qual. litro. 270

3.ª qual. litro. 260

Alcool puro, 26 litros. 6\$500

Aguardente de vinho, 26 litros. 3\$380

bagaceira, 26 litros. 2\$730

figo, 26 litros. 1\$950

Geropiga fina, 26 litros. 2\$080

baixa, 26 litros. 1\$430

Vinho tinto, 26 litros. 750

branco, 26 litros. 900

verde, 26 litros. 900

Vinagre tinto, 26 litros. 700

branco, 26 litros. 900

Pescado

NO FURADOURO

Companha Boa Esperança—Rendimento de janeiro a maio de 1909. 1:306\$010 réis

Companha do Socorro—Rendimento de janeiro a maio de 1909. 1:012\$520

Companha S. José—Rendimento de janeiro a maio de 1909. 1:588\$510

Companha S. Pedro—Rendimento de janeiro a maio de 1909. 681\$990

Companha S. Luiz—Rendimento de janeiro a dezembro de 1908. 7:388\$835

NOS CAMPOS

Rendimento de

Matadouro

No mez de Rezes abatidas para o consumo: . . . Bois, com o pezo de . . . kilos . . . Vitelas, Porcos,

Correio

Aberto todos os dias das 8 horas da manhã ás 9 da noite, excepto aos domingos, que fecha á 1 hora da tarde.

Registos e Valles até ás 5 horas da tarde.

Expede as malas para o Norte pelo comboio das 6,23 da manhã e 6,23 da tarde e para o Sul pelo das 7,52 da manhã e 10,13 da noite.

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas (sem limite de peso ou volume), cada 20 gr. ou fracção, Portugal e colonias. 25 réis.

idem (idem, idem), cada 15 gr. ou fracção, para Hespanha. 25 réis.

Jornaes (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção. 2 1/2 réis.

Impressos (peso maximo 2000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 5 réis.

Manuscriptos (sem limite de peso ou volume)—Até 250 gr. 25 réis

Cada 50 gr. mais ou fracção 5

Amostras sem valor (peso maximo 250 gr.; dimensões 30 cm. de comprimento), cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas, até 20 gr. 50 réis

cada 20 gr. ou fracção 30

Bilhetes postaes: cada 20

Jornaes e impressos (peso maximo 2:000 gr.) cada 50 gr. ou fracção 10 réis

Jornaes para o Brazil, cada 50 gr. ou fracção 5 réis

Avisos de recepção—Cada um. 50 réis

Registo—50 réis, alem do porte, por cada objecto.

Cartas com valor declarado— Premio do seguro, alem do porte e premio do registo da carta: Continente, Ilhas e Ultramar, 20 reis por cada 20\$000 réis ou fracção.

Encomendas postaes—Volume maximo 25 decimetros cubicos, não podendo o seu comprimento ser superior a 60 centimetros, nem inferior a 10 centimetros.—Portugal (Continente e Ilhas) 200 réis até 3 kil.; 250 réis até 4 kil.; 300 réis até 5 kilos; (Africa) 400 réis 5 kilos.

Valles do correio—Portugal (Continente e Ilhas), 25 réis por 5\$000 réis ou fracção. Linite 500\$000 réis, 200\$000 réis, 100\$000 réis, conforme houverem de ser pagos nas sedes de districto, de comarca ou concelho.—Possessões portuguezas, 150 réis por 5\$000 réis ou fracção.

Os vales nacionaes teem o sello correspondente á quantia por que forem emitidos.

Telegrammas—Para o continente do paiz, 10 réis por palavra e 50 réis de taxa fixa.

Lei do Sello

RECIBOS PARTICULARES

De 1\$000 réis até 10\$000 réis. 10

10\$001 » » 50\$000 » . 20

50\$001 » » 100\$000 » . 30

100\$001 » » 250\$000 » . 50

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 50

Valor não conhecido ou declarado. 500

Cheques ao portador 20

LETRAS DE CAMBIO

Sendo á vista e até 8 dias

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

20\$001 » » 50\$000 » . 50

50\$001 » » 250\$000 » . 100

Cada 250\$000 réis a mais ou fracção. 100

A mais de 8 dias de praso

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

20\$001 » » 40\$000 » . 40

40\$001 » » 60\$000 » . 60

60\$001 » » 80\$000 » . 80

80\$001 » » 100\$000 » . 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Sacadas no ultramar e no estrangeiro e pagaveis em Portugal

De 1\$000 réis até 20\$000 réis. 20

20\$001 » » 100\$000 » . 100

Cada 100\$000 réis a mais ou fracção. 100

Associação dos Bombeiros Voluntarios Presidente da direcção—Dr. João Maria Lopes.

Thesoureiro — Angelo Zagallo de Lima.

Commandante — Dr. Joaquim Soares Pinto.

Toques de incendio

Ruas da Praça—Graça—S. Thomé—Ribas—Areal—Neves e Sant'Anna. 4 Badaladas

Bairro dos Campos—Ruas do Loureiro—S. Bartholomeu e Lavradores. 5

Ruas das Figueiras—Outeiro—Fonte—Oliveirinha—Lamarão e Motta. 6

Bairro d'Arruella até á Praça. 7

Ruas do Bajunco—S. Miguel—Lagôa—Nova—Velha—Pinheiro e Brejo. 8

Ponte Nova—Ponte Reada e Sobral. 9

Estação e Pellames. 10

João—Cima de Villa e logares visinhos. 11 Badaladas

Ribeira. 12

Assões—Granja e Guilhovae. 13

Furadouro. 14

Para cessar — 3 badaladas.

Associação de Soccorros Mutuos

Presidente da direcção — Dr. Antonio d'Oliveira Descalço Coentro.

Thesoureiro — Antonio da Cunha Farraia.

Cartorario — Manoel Augusto Nunes Branco.

Medico — Dr. Salviano Pereira da Cunha.

Esta associação tem por fim exclusivo soccorrer os socios doentes ou temporariamente impossibilitados de trabalhar e concorrer para o funeral do associado que fallecer.

Commissão de Beneficencia Escolar

Presidente — Dr. Pedro Virgolino Ferraz Chaves.

Secretaria — D. Gracinda Augusta Marques dos Santos.

Thesoureiro — Dr. João Maria Lopes.

Esta commissão tem por fins dar ás creanças extremamente pobres da freguezia, livros, papel, tinta, pennas, lápis, etc.; distribuir vestuario e calçado, alimentação, estabelecer colonias sanitarias, promover a vulgarisação da instrucção e tornar effectiva a obrigatoriedade do ensino primario.

Armazens de Vinhos

Affonso José Martins. Antonio da Silva Brandão Junior. Carrelhas & Filho, Successor. Manoel Ferreira Dias. Manoel Soares Pinto.

Agentes Bancarios

João José Alves Cerqueira, do Banco Commercial de Lisboa.

João da Silva Ferreira, de Joaquim Pino Leite e Pinto da Fonseca & Irmão.

Joaquim Ferreira da Silva, dos Bancos: Alliança, Minho e Commercial do Porto.

Agentes de Seguros

Carrelhas & Filho, Successor, da Companhia «Portugal».

João José Alves Cerqueira, das Companhias «Indemnizadora» e «Probidade».

João da Silva Ferreira, da Companhia «Garantia».

Joaquim Ferreira da Silva, das Companhias «Fidelidade» e «Union y el Fenix Hespañol».

José Luiz da Silva Cerveira, da Companhia «Internacional».

Constructores de Fragatas

João d'Oliveira Gomes, João d'Oliveira Gomes Silvestre.

Depositos de Azeite

Affonso José Martins, José Ferreira Malaquias, José Rodrigues Figueiredo Manoel Valente d'Almeida.

Exportadores de Sardinha

Antonio Augusto Fragateiro, Antonio Pereira de Carvalho, Joaquim Valente d'Almeida.

Fabricas

A Varina (conservas alimenticias) — Ferreira, Brandão & C.ª, Moagem da Cereaes—Soares Pinto & C.ª, Limitado Ceramica—Peixoto, Ribeiro & C.ª

Feiras Mensaes

De gado vaccum e suino a 12, de gado vaccum e cavallar a 24 e 29, e a 13 em Vallega.

Hoteis e Hospedarias

«Cadete»—Estação, «Canastreiro» — Rua de St.ª Anna, «Central» — Rua da Praça, «Cerveira» — Furadouro, «Jeronymo» — Largo do Chafariz, «Nunes Lopes» — Rua dos Campos.

Lojas de Fazendas

João Alves—Praça, João Costa — Praça, José Garrido — Rua dos Campos.

Mercearias

Abilio José da Silva—Ponte Nova-Francisco de Mattos—Praça, José Gomes Ramillo — Rua do Bajunco, José Luiz da Silva Cerveira — Praça, José Maria de Pinho Valente—Rua da Graça, Manoel Valente d'Almeida—Praça, Pinho & Irmão—Praça, Viuva de José de Mattos—Poça, Viuva Salvador—Largo do Chafariz, Tarujo & Laranjeira—Rua da Graça.

Negociantes de Cereaes

Domingos da Fonseca Soares, Francisco Correia Dias, Manoel Fernandes Teixeira, Manoel da Silva Bonifacio & C.ª, Salvador & Irmão.

Recebedoria

Recebedor — Antonio Valente Compadre.

Aberta todos os dias uteis, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Tanoaria

Carrelhas—Rua das Figueiras.

Vendedores de Cal

Manoel da Cunha e Silva Manoel d'Oliveira da Cunha.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

Table with 12 columns: Comboyos, Tr., Om., Tr., Rap., Tr., Tr., Exp., Tr., Rap., Tr., Tr., Cor. Rows include S. Bento, Espinho, Esmoriz, Cortegaça, Carvalh.ª, OVAR, Vallega, Avanca, Aveiro.

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

Table with 12 columns: Comboyos, Tr., Cor., Tr., Tr., Tr., Rap., Tr., Tr., Om., Tr., Rap., Om. Rows include Aveiro, Avanca, Vallega, OVAR, Carvalh.ª, Cortegaça, Esmoriz, Espinho, S. Bento.